

Disgeusia e anosmia. O que mais lhe podia acontecer?

Talvez castigo pela gula que o acompanhou a vida toda. E nunca ganhara peso, talvez em função de simplesmente alimentar uma quantidade imensurável de vermes que habitavam suas vísceras ou de seus conflitos internos, enlouquecedores.

Acompanhá-lo no almoço era aceitar restaurante que estabelecia preço fixo para servir-se à vontade e chegar muito atrasado para o turno da tarde ou cometer a indelicadeza de deixá-lo a terminar a refeição só. Isto sem contar a conversa monossilábica, já que o essencial era comer, e não falar.

Isto também refletia sua própria personalidade reservada. Tinha curso superior, mas capacidade inferior de expressão. Não conseguia avançar um pensamento além do que era totalmente explícito. Raramente filosofava ou supunha. Descrevia fatos, mas quando se atrevia a opinar sobre eles, perdia-se todo, era uma verdadeira conjunção do inverossímil com a bestialidade. Dava-se melhor, mesmo assim na faixa da mediocridade, quando se limitava à execução estritamente técnica de suas tarefas, sem arriscar qualquer criatividade.

Do ponto de vista sentimental, possivelmente o ápice tenha sido o seu relacionamento com Ariovaldo, próximo no trabalho, na feiura e na falta de atitude. Sobraram juntos quando os outros se afastaram e avançaram para a intimidade, já que as alternativas não eram muitas. Às vezes apareciam com um esboço de sorriso maroto logo cedo, que sugeria que algum prazer carnal tinha sido satisfeito.

Depois de mais de duas décadas, Ariovaldo se aposentou e a relação se desfez como se dependesse da rotina, do cotidiano. O ficar juntos era continuar juntos, na inércia de seus comportamentos.

A solidão fazia-o recheiar ainda mais a geladeira e seu apetite era interminável, até que subitamente notou que o que era irresistível aos olhos não correspondia no gosto e no aroma. Comia mais e mais, e nada o satisfazia.

Desesperava-se e não comentava com ninguém. Buscava soluções na Internet e não as encontrava. Leu um texto de que o inferno, ou o purgatório, era aqui mesmo, associou o fato a um castigo pela gula interminável, aceitou temporariamente a hipótese, mas cedeu a um relato de que os mesmos problemas de alguém haviam sido eliminados após uma avaliação neurológica.

Marcou consulta, fez incontáveis exames. Seguiu sem solução e os encaminhamentos a otorrinolaringologista, gastroenterologista, alergista, reumatologista, fonoaudiólogo, nutricionista também nada resultaram, além de várias despesas com medicamentos somadas na fatura do cartão de crédito.

Assumi que lhe estava reservado o pior dos mundos, até que atentou para o olhar furtivo de Mariusa, a contratada para a vaga deixada por Ariovaldo. Desajeitada, deselegante, desmanzelada, pobre de traços e de curvas, mas de apetite igualmente insaciável.

Passaram a almoçar juntos e, depois de quase um ano, pois a iniciativa não era propriamente virtude de nenhum dos dois, sabe-se lá como, aproximaram-se de vez.

Ela se mudou para o apartamento dele, e, de quando em vez, chegavam às vias de fato, ou melhor, ao ato sexual. As carícias preliminares, com os beijos mais ousados, não eram comprometidas, pois os déficits de Otávio não lhe permitiam sentir o extraordinário mau hálito provindo dos dentes avariados de sua parceira, nem o odor da vaginite crônica.

Ele havia recebido uma dádiva e não uma punição. Sua sexualidade tomara outro sentido, não se sabe até quando, e, vejam, o que tem tudo para acabar mal pode surpreender. O pensamento e as palavras são institutos mágicos.

Pois bem, saibam que não tiveram filhos, pois Otávio também tem azoospermia, mas parecem viver muito felizes, ainda mais que compraram duas geladeiras novas.